

LUDMER, Josefina – *Aqui América Latina una especulación*. 1ª. Ed. BuenosAires: Eterna Editora, 2010.

De gênero híbrido, entre o ensaio, o diário ficcional e a crítica, a obra de Josefina Ludmer apresenta o desafio de pensar a América Latina daqui, a partir desse lugar habitado na contemporaneidade e partindo de uma concepção da literatura como imaginação pública que fabrica uma “*realidadficción*”. Se o mundo mudou, surge a problematização da autonomia do campo literário, e transformar o aparato de leitura mostra-se como a primeira medida a ser tomada com o esvaziamento dos sentidos.

Diante de formatos, gêneros e moldes que ordenavam a realidade, *Aqui América Latina* arrisca-se a operar uma “máquina” de ler o presente em outra etapa da nação, do capitalismo e dos impérios, segundo Ludmer. Ao anunciar uma especulação que tem na utopia e na desapropriação a possibilidade de conceber outro mundo, sem dinheiro nem propriedade, a autora propõe o ensaio de um modo diferente de conhecimento que faz de uma proposta de especular um gênero literário.

A partir de um limiar cultural que é a literatura, a sugestão será penetrar no universo em movimento da especulação por dois regimes: o das temporalidades e o das territorialidades, como duas categorias que se expandem e se bifurcam ao longo da reflexão.

Definindo um movimento nas formas de imaginação pública — na literatura — em que todos seriam capazes de imaginar, um convite ao estatuto da “*realidadficción*” como fusão do visto e do ouvido é sugerido, a fim de penetrar no universo em movimento da especulação, perpassando dois regimes: o das temporalidades e o das territorialidades. A partir de um limiar cultural que é a literatura, a sugestão será penetrar no universo em movimento da especulação por dois regimes: o das temporalidades e o das territorialidades, como duas categorias que se expandem e se bifurcam ao longo da reflexão.

Após o diagnóstico do esvaziamento nas operações de sentido, e confirmando-se a ambivalência, a especulação se detém sobre uma primeira palavra abstrata que atravessa as segmentaridades: o tempo. Ao conceber que cada cultura habita o tempo de um determinado modo, não seria possível “um novo mundo sem a mudança dessa experiência... A travessia do espaço em não tempo, é o que se chama tempo real”

(LUDMER, 2010, p.18).

A reflexão sobre as transformações do produto tecnológico, tal como o tempo zero, buscado universalmente por uma gama heterogênea de sujeitos, implicaria uma nova experiência histórica de poder e do capitalismo, o que seria crucial para o destino latino-americano.

A seguir, a ruptura da especulação se dá com outra forma de relato: o diário do ano sabático da autora em Buenos Aires, no ano de 2000, que, por ser redondo, também invocaria imaginários públicos e privados. Falar do tempo circunscrito a um limite temporal de doze meses: este é o procedimento pelo qual o discurso casa tempo e espaço, como se fosse um amálgama.

Josefina Ludmer vai definindo temporalidades da nação ao passar do aborrecimento à transgressão, da televisão com outras de suas formas de narrar – como o melodrama – sem desprezar os situacionistas que leram Guy Debord e a temporalidade do cotidiano. Do modo linear que cortava o tempo com o mito de fundação do século XIX entre civilização e barbárie, surge na contemporaneidade uma nação midiática dos romances históricos que trazem a intimidade dos próceres: relatos como *Dom José* (San Martín) de José García Hamilton; *Los cautivos. El exilio de Echeverría* de Martín Kohan. Durante doze meses (2000) Ludmer elabora uma crítica em que superpõe temporalidades para demonstrar com suas leituras como sua proposta ambivalente possibilita uma leitura que fabrica o presente e permite pensá-lo.

O segundo regime parte para a especulação sobre o espaço e se denomina *territórios*, deixando para trás o âmbito da subjetividade ao propor uma crítica por cadeias textuais, séries que se fusionam.

Ao expandir a categoria de território como a distância mínima entre dois membros da mesma espécie (Deleuze e Guattari), assim como as divisões que, no espaço, trazem as fronteiras, os limites e o limiar, entram nessa especulação os conflitos centrais e os mapas do tráfico, das máfias, das políticas de morte. (LUDMER, 2010, p. 124).

Ao falar do espaço, a crítica argentina passa a recordar a relação que a cultura indígena tem com o seu território (“*Los mapuches dicen que el ser humano es*

elcomplemento de latierra y de todo que le rodea...”. Ludmer, 2010:125), e a seguir a discussão se estende ao redor do elemento espacial de maior vigência na fábrica do presente, que é a cidade como ilha urbana.

Esta concepção permitirá suas leituras mais eficientes do campo literário, porque manifesta a queda das divisões tradicionais entre nações, ou cosmopolitismo. Esvazia-se o nome da cidade, mas entram em pauta as zonas, os fragmentos ou os espaços de qualquer “ilha urbana”, como o supermercado (Diamela Eltit), o *yotibenco* de Washington Cucurto (Santiago Vega), o mundo dos sicários (Fernando Vallejo), a Cidade de Deus de Paulo Lins, ou o cruzamento de fronteiras, que permite o dentro e o fora daquilo que pode ser criado por uma ilha urbana.

Assegurado o rumo da reflexão que passeia por zonas interfronteiriças e comenta diferentes fabulações, a especuladora assume autoridade discursiva ao elaborar a lista de romances que cultiva o fragmento, o movimento do dentro e fora da ilha urbana em diferentes territórios que não se circunscrevem apenas à latitude latino-americana, mas perambulam pelo mundo, como *Treinta dias enMoskú*(2002) de José Manuel Prieto; *OctubreenPekin*(2001) de Santiago Gamboa; *Oriente empieza en El Cairo* de Héctor AbadFaciolince (2001), etc.

Cabe ressaltar como Ludmer apreende até que ponto a ambivalência do regime de sentido acarreta um problema de interpretação com o exemplo de uma voz narrativa que está dentro e fora ao mesmo tempo, ao explicar a recepção de *Cosas de Negros* (2003) de Washington Cucurto, entre outros relatos.

A partir da categoria espacial, em termos territoriais a leitura elaborada por Ludmer privilegia imaginações a partir de espaços da cidade como ilha urbana. A passagem do dentro e do fora estabelece um movimento que não corresponde a uma posição.

Nos anos 90, Ludmer apresenta os relatos cujas facetas antinacionalistas usa dos histriônicos para rir do limite nacionalista. *Contra o Brasil* de Diogo Maynard ou *La virgen de lossicarios* do colombiano Fernando Vallejo carregam a marca da infâmia. A desterritorialidade amplifica-se em posturas que já não se detêm na nação como um marco da ordem. O mundo dos migrantes latino-americanos configura-se pela abjeção de uma existência precária em ofícios tais como o de faxineiros, lixeiros ou a língua que

no espaço globalizado condiciona também o desprestígio de uma segunda categoria de humanidade. Em *Paraiso Travel* e também em *Veneno*, de Hugo Santana, a agramaticalidade ou a ilegalidade continuam empurrando o migrante para uma queda e a reflexão de Agamben sobre a vida nua, que se potencializa pelo estado que lhes rejeita direitos e aqui faz eco.

Concluindo o percurso territorial, armar a passagem da nação à língua vem a ser a fórmula utilizada por Ludmer para estudar relatos sobre o migrante em suas diferentes marcas. Em geral, em descenso, o “território da língua é a pátria do emigrado (p. 186), que pode cair no abismo de desumanização que a condição imposta pelo exílio acarreta. Dormir na rua; encontrar-se na ilegalidade. A condição humana resiste na língua, seja por cartas ou telefonemas. Nesse sentido, a pátria subjetiva seria “como um dos territórios latino-americanos do presente”. (LUDMER, 2010, p. 187).

Ao final da especulação que não pode terminar, há um mapeamento de obras, autores, ensaístas que servem de interlocutores; e uma resistência ao império pelas redes virtuais parece indicar que a especulação não tem como terminar por sua ambivalência.

Alai Garcia Diniz (UFSC/PVS-CAPES UNILA)